

## Capítulo 4

# **SOBRE O SUPOSTO COMPLEXO DE DEPENDÊNCIA DO COLONIZADO**

*Em qualquer lugar do mundo  
não há desgraçado linchado ou torturado  
que não seja eu também  
assassinado e humilhado.*  
AIMÉ CÉSAIRE, *E os cães deixaram de ladrar*

**Q**uando começamos este trabalho, possuíamos somente alguns estudos de Octave Mannoni publicados na revista *Psyché*. Propusemo-nos escrever ao autor a fim de pedir-lhe que nos comunicasse as conclusões às quais havia chegado. Depois, soubemos que uma obra que reuniria suas reflexões estava em vias de publicação. Esta obra foi publicada: *Psychologie de la colonisation* [Psicologia da colonização]. Vamos estudá-la.

Antes de entrar em detalhes, há que se dizer que o pensamento analítico é honesto. Tendo vivido ao extremo a ambivalência inerente à situação colonial, Mannoni chegou a um entendimento infelizmente exaustivo demais dos fenômenos psicológicos que regem as relações nativo-colonizador.

A característica fundamental da pesquisa psicológica atual parece consistir na realização de certa exaustividade. Mas não se deve perder de vista o real.

Mostraremos que Mannoni, mesmo tendo consagrado 225 páginas ao estudo da situação colonial, não compreendeu suas verdadeiras coordenadas.

Quando se aborda um problema tão importante quanto o inventário das possibilidades de compreensão de dois povos diferentes, deve-se redobrar a atenção.

Somos devedores de Mannoni por ter introduzido no processo dois elementos cuja importância não deveria mais passar despercebida.

Uma análise rápida parecia ter afastado a subjetividade desse domínio. O estudo de Mannoni é uma pesquisa sincera, pois se propõe mostrar que não seria possível explicar o homem fora da possibilidade que tem de assumir ou negar dada situação. O problema da colonização comporta, assim, não apenas a intersecção

de condições objetivas e históricas, mas também a atitude do homem diante dessas condições.

De modo similar, não podemos aderir à parte do trabalho de Mannoni que tende a patologizar o conflito, isto é, a demonstrar que o branco colonizador tem por única motivação o desejo de pôr fim a uma insatisfação, no plano da supercompensação adleriana.

Todavia, nós nos percebemos em desacordo com ele ao lermos esta frase: “O fato de que um malgaxe *adulto*, isolado em outro meio, possa se tornar sensível à inferioridade do tipo clássico prova de modo mais ou menos irrefutável que, desde a sua infância, existia nele um germen de inferioridade”.<sup>1</sup>

Ao ler essa passagem, sentimos algo emborcar, e a “objetividade” do autor pode acabar nos induzindo em erro.

Entretanto, tentamos fervorosamente encontrar a linha de orientação, o tema fundamental do livro: “A ideia central é que o fato de ‘civilizados’ e ‘primitivos’ entrarem em contato cria uma situação particular – a situação colonial –, fazendo *aparecer* um conjunto de ilusões e mal-entendidos que apenas a análise psicológica é capaz de situar e definir”.<sup>2</sup>

Ora, sendo esse o ponto de partida de Mannoni, por que ele busca fazer do complexo de inferioridade algo que antecede a colonização? Reconhecemos aí o mecanismo de explicação que, em psiquiatria, seria assim formulado: há formas latentes da psicose que se tornam manifestas em decorrência de um trauma. E no campo da cirurgia: o aparecimento de varizes em um indivíduo não deriva da obrigação que ele tem de ficar dez horas em pé, mas de uma fragilidade constitutiva da parede venosa; o modo de trabalho é apenas uma condição propícia – e o perito revisor designado decreta que a responsabilidade do empregador é muito limitada.

Antes de abordar em detalhes as conclusões de Mannoni, gostaríamos de precisar nossa posição. De uma vez por todas, afirmamos este princípio: uma sociedade é racista ou não é. Enquanto não percebermos essa evidência, uma quantidade enorme de problemas será deixada de lado. Dizer, por exemplo, que o norte da França é mais racista que o sul, que o racismo é obra de

subalternos e que, portanto, não concerne nem um pouco à elite, que a França é o país menos racista do mundo, tudo isso é típico de pessoas incapazes de refletir corretamente.

Para provar que o racismo não reproduz a situação econômica, o autor nos lembra de que, “na África do Sul, os trabalhadores brancos mostram-se tão racistas quanto os dirigentes e empregadores, por vezes até mais”.<sup>3</sup>

Com o devido respeito, gostaríamos que aqueles que se encarregam de descrever a colonização se lembrassem de algo: é utópico verificar em que se distingue um comportamento desumano de outro comportamento desumano. Não queremos de modo algum encher o mundo com nossos problemas, mas gostaríamos de perguntar de bom grado a Mannoni se ele não se dá conta de que, para um judeu, as diferenças entre o antissemitismo de Maurras e o de Goebbels são imperceptíveis.

Ao final de uma apresentação de *A prostituta respeitosa* no norte da África, um general disse a Sartre: “Seria bom que sua peça fosse encenada na África Negra. Ela mostra bem a que ponto o negro em território francês é mais feliz do que seu congênere americano”.

Penso, sinceramente, que uma experiência subjetiva pode ser compreendida por outrem; e não me agrada nem um pouco dizer que “o problema negro é meu problema, apenas meu”, e em seguida me pôr a estudá-lo. Mas me parece que Mannoni não tentou sentir por dentro o desespero do homem de cor diante do branco. Eu me dediquei neste estudo a abordar a miséria do negro. Tátil e afetivamente. Não quis ser objetivo. Aliás, a verdade é: não me foi possível ser objetivo.

Haveria, de fato, diferença entre um racismo e outro? Não encontraríamos aí a mesma queda, a mesma falência do homem?

Mannoni estima que o branco pobre da África do Sul detesta o negro, independentemente de qualquer processo econômico. Ainda que possamos compreender essa atitude invocando a mentalidade antissemita – “Daí por que, de bom grado, eu chamaria o antissemitismo de esnobismo de pobre. Parece, com efeito, que a maioria dos ricos *utiliza* essa paixão mais do que se lhes entrega:

têm mais o que fazer. Propaga-se comumente pelas classes médias, precisamente porque não possuem terra, nem castelos, nem casas [...]. Tratando o judeu como um ser inferior e pernicioso, afirmo ao mesmo tempo que pertença a uma elite”<sup>4</sup> –, poderíamos retorquir que esse deslocamento da agressividade do proletariado branco para o proletariado negro é, fundamentalmente, uma consequência da estrutura econômica da África do Sul.

O que é a África do Sul? Um caldeirão no qual 2 530 300 brancos espancam e confinam 13 milhões de negros. Se os brancos pobres odeiam os negros, não é porque, como Mannoni daria a entender, “o racismo é obra dos pequenos comerciantes e pequenos colonos que trabalharam muito, mas sem grande sucesso”.<sup>5</sup> Não, é porque a estrutura da África do Sul é uma estrutura racista:

Negrofilia e filantropia são injúrias na África do Sul [...]. Eles propõem separar os nativos dos europeus, territorialmente, economicamente e no campo político, e permitir-lhes edificar sua própria civilização sob a direção e a autoridade dos brancos, mas com um mínimo de contato entre as raças. Propõem reservar territórios para os nativos e obrigar a grande maioria a morar neles [...]. A competição econômica seria abolida e um caminho seria preparado para a reabilitação dos “brancos pobres”, que perfazem 50% da população europeia [...].

Não é exagero dizer que a maioria dos sul-africanos sente uma repugnância quase física diante de tudo o que coloca um nativo ou uma pessoa de cor no mesmo nível que o seu.<sup>6</sup>

Para pôr fim ao argumento de Mannoni, lembremos que “a barreira econômica provém, dentre outros fatores, do medo da concorrência e do desejo de proteger as classes dos brancos pobres, que formam a metade da população europeia, e impedir que caiam ainda mais”.<sup>7</sup>

Mannoni continua: “A exploração colonial não se confunde com as outras formas de exploração, o racismo colonial difere dos outros racismos”.<sup>8</sup> O autor fala em fenomenologia, psicanálise, unidade humana, mas gostaríamos que esses termos assumissem um caráter mais concreto. Todas as formas de exploração se parecem. Todas afirmam sua necessidade com base em algum decreto de ordem bíblica. Todas as formas de exploração são idênticas, pois se aplicam ao mesmo “objeto”: o homem. Ao querer considerar no plano da abstração a estrutura desta ou daquela exploração, mascara-se o

problema capital, fundamental, que é o de restituir o homem a seu devido lugar.

O racismo colonial não se diferencia de outros racismos.

O antissemitismo me toca em plena carne, eu me abalo, uma contestação aterrorizante me exaure, recusam-me a possibilidade de ser um homem. Não posso não me solidarizar com a sorte reservada a meu irmão. Cada um dos meus atos implica o homem. Cada uma das minhas reticências, cada uma das minhas covardias manifesta o homem.<sup>9</sup> Parece-nos que Césaire ainda ecoa:

Quando giro o botão do meu rádio e escuto que nos Estados Unidos os negros são linchados, digo que mentiram para nós: Hitler não está morto; quando giro o botão do meu rádio e fico sabendo que os judeus são insultados, desprezados, pogromizados, digo que mentiram para nós: Hitler não está morto; quando giro, enfim, o botão do meu rádio e ouço dizerem que, na África, o trabalho forçado está instituído, legalizado, digo que, verdadeiramente, mentiram para nós: Hitler não está morto.<sup>10</sup>

Sim, a civilização europeia e seus representantes mais qualificados são responsáveis pelo racismo colonial;<sup>11</sup> e mais uma vez invocamos Césaire:

E então, um belo dia, a burguesia é despertada por um terrível ricochete: as gestapos afadigam-se, as prisões enchem-se, os torcionários inventam, requintam, discutem em torno dos cavaletes.

As pessoas espantam-se, indignam-se. Dizem: “Como é curioso! Ora! É o nazismo, isso passa!”. E aguardam, e esperam; e calam em si próprios a verdade – que é uma barbárie, mas a barbárie suprema, a que coroa, a que resume a quotidianidade das barbáries; que é o nazismo, sim, mas que antes de serem as suas vítimas, foram os cúmplices; que o toleraram, esse mesmo nazismo, antes de o sofrer, absolveram-no, fecharam-lhe os olhos, legitimaram-no, porque até aí só se tinha aplicado a povos não europeus; que o cultivaram, são responsáveis por ele, e que ele brota, rompe, goteja, antes de submergir nas suas águas avermelhadas de todas as fissuras da civilização ocidental e cristã.<sup>12</sup>

Toda vez que vemos árabes, com o semblante de quem está sendo perseguido, desconfiados, evasivos, envoltos em suas compridas vestes rasgadas, que parecem feitas sob medida, pensamos: Mannoni estava enganado. Fomos parados inúmeras vezes em plena luz do dia por policiais que nos confundiam com um árabe e, quando descobriam nossa origem, apressavam-se em pedir desculpas – “Sabemos perfeitamente que um martinicano é diferente de um

árabe”. Protestávamos com veemência, mas nos diziam: “Vocês não os conhecem”. Na verdade, sr. Mannoni, o senhor se enganou. Pois o que significa a frase: “A civilização europeia e seus representantes mais qualificados não são responsáveis pelo racismo colonial”? O que significa senão dizer que o colonialismo é obra de aventureiros e políticos, enquanto os “representantes mais qualificados” se mantêm acima da confusão? Mas, como afirma Francis Jeanson, todo oriundo de uma nação é responsável pelos atos perpetrados em nome dessa nação:

Dia após dia, esse sistema desenrola ao redor de vocês suas conseqüências perniciosas, dia após dia, seus promotores os traem, realizando em nome da França uma política o mais alheia possível, não apenas aos seus verdadeiros interesses, mas também às suas exigências mais profundas [...]. Vocês se vangloriam por se manterem à distância de um determinado tipo de realidade: assim, deixam livres as mãos daqueles que não mais se deixam inibir pelos ambientes mórbidos, pois são eles mesmos que os criam com suas atitudes. E se vocês, aparentemente, conseguirem não se sujar, é porque outros se sujam no lugar de vocês. Vocês têm executores, mas são vocês, no fim das contas, os verdadeiros culpados: pois, sem vocês, sem a cegueira negligente de vocês, esses homens não seriam capazes de realizar uma ação – que a vocês condena tanto quanto a eles desonra.<sup>13</sup>

Dizíamos há pouco que a África do Sul tinha uma estrutura racista. Iremos mais longe e diremos que a Europa tem uma estrutura racista. Bem se vê que Mannoni não está interessado nesse problema, pois afirma: “A França é o país menos racista do mundo”.<sup>14</sup> Meus bons negros, alegrem-se por serem franceses, por mais que ainda seja difícil, pois na América seus semelhantes são mais infelizes do que vocês... A França é um país racista, pois o mito do negro mau faz parte do inconsciente da coletividade. Mostraremos isso mais adiante (capítulo 6).

Continuemos com Mannoni:

Um complexo de inferioridade ligado à cor da pele só se observa, de fato, entre os indivíduos que vivem em minoria em um meio em que predomina outra cor; em uma coletividade tão homogênea quanto a coletividade malgaxe, na qual as estruturas sociais ainda são suficientemente sólidas, só se encontram complexos de inferioridade em casos excepcionais.<sup>15</sup>

Mais uma vez, pedimos ao autor certa circunspeção. Um branco nas colônias nunca se sentiu inferior no que quer que fosse; como tão bem afirma Mannoni: “Ou será endeusado ou devorado”. O colonizador, embora esteja “em minoria”, não se sente inferiorizado. Há na Martinica duzentos brancos que se consideram superiores a 300 mil indivíduos de cor. Na África Austral, há 2 milhões de brancos para cerca de 13 milhões de nativos, e a nenhum nativo ocorreu a ideia de se sentir superior a um branco minoritário.

Se as descobertas de Adler e, não menos interessantes, as de [Fritz] Künkel explicam certos comportamentos neuróticos, daí não se devem inferir leis que se aplicariam a problemas infinitamente complexos. A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Tenhamos a coragem de dizer: *é o racista que cria o inferiorizado*.

Nessa conclusão, estamos na companhia de Sartre: “O judeu é um homem que os outros homens consideram judeu: eis a simples verdade de onde se deve partir [...]. O antissemita é que *faz o judeu*”.<sup>16</sup>

O que dizer dos casos excepcionais de que nos fala Mannoni? São simplesmente aqueles em que o evoluído de repente se descobre rejeitado por uma civilização que ele, no entanto, assimilou. De modo que a conclusão seria a seguinte: na medida em que o verdadeiro tipo malgaxe do autor assume suas “condutas dependentes”, tudo corre bem; porém, se ele esquece o seu lugar, se decide se equiparar ao europeu, então o dito europeu se irrita e rejeita o insolente – que, nesse momento e nesse “caso excepcional”, paga com um complexo de inferioridade por sua recusa à dependência.

Detectamos anteriormente, em certas alegações de Mannoni, um quiproquó no mínimo perigoso. De fato, ele concede ao malgaxe a escolha entre a inferioridade e a dependência. Fora dessas duas soluções, não há salvação. “Quando ele [o malgaxe] consegue estabelecer essas relações [de dependência] no convívio com seus superiores, sua inferioridade não o incomoda mais, tudo corre bem.



Quando não consegue, quando sua posição de insegurança não se regulariza dessa maneira, ele vivencia um fracasso.”<sup>17</sup>

A primeira preocupação de Mannoni havia sido criticar os métodos até então empregados pelos diversos etnógrafos que se debruçaram sobre as populações primitivas. Mas já se entrevê a crítica que devemos fazer à sua obra.

*Após ter encerrado o malgaxe em seus costumes, após ter realizado uma análise unilateral da sua visão de mundo, após ter descrito o malgaxe em um círculo restrito, após ter dito que o malgaxe mantém relações de dependência com os ancestrais, características essas altamente tribais, o autor, ao arrepio de toda e qualquer objetividade, aplica suas conclusões a uma compreensão bilateral – ignorando deliberadamente que, desde Gallieni, o malgaxe não existe mais.*<sup>18</sup>

O que pedíamos a Mannoni era que nos explicasse a situação colonial. Isso, curiosamente, ele esquece de fazer. Nada se perde, nada se cria, nisso estamos de acordo. Parodiando Hegel, Georges Balandier, em um estudo<sup>19</sup> dedicado a [Abram] Kardiner e [Ralph] Linton, escreve a respeito da dinâmica da personalidade: “O último dos seus estados é o resultado de todos os estados antecedentes e deles deve conter todos os princípios”. Uma piada, mas que permanece a regra de inúmeros pesquisadores. As reações, os comportamentos surgidos com a chegada dos europeus a Madagascar não vieram se somar aos preexistentes. Não houve aumento do bloco psíquico anterior. Se, por exemplo, marcíanos procurassem colonizar os terráqueos, não os iniciar na cultura marciana, mas literalmente *colonizá-los*, duvidaríamos da perenidade de toda e qualquer personalidade. Kardiner retifica muitos julgamentos ao escrever: “Ensinar o cristianismo ao povo de Alor é uma empreitada digna de Dom Quixote... [Isso] não faz o menor sentido, tendo em vista que a personalidade permanece construída com elementos que estão em completa desarmonia com a doutrina cristã: seguramente, é começar pelo lado errado”.<sup>20</sup> E se os negros são impermeáveis aos ensinamentos de Cristo, não é de forma alguma por serem incapazes de assimilá-lo. Aprender algo novo

requer que nos disponhamos a isso, que nos preparemos para isso, exige uma nova conformação. É utópico esperar do negro ou do árabe que realizem o esforço de inserir valores abstratos em sua *Weltanschauung*, enquanto mal puderem saciar a fome. Exigir que um negro do Alto Níger calce sapatos, dizer dele que é incapaz de se tornar um Schubert não é menos absurdo do que se admirar de que um trabalhador da Berliet<sup>21</sup> não dedique suas noites ao estudo do lirismo na literatura hindu ou do que declarar que ele nunca será um Einstein.

Na verdade, absolutamente nada impede tais coisas. Nada – exceto o fato de que os interessados não têm a possibilidade de fazer isso.

Mas eles não reclamam! Eis a prova:

No fim da madrugada, para além de meu pai, de minha mãe, o casebre rachando em bolhas, como um pessegueiro atormentado pelo fungo, e o telhado fino, remendado com pedaços de tonel de gasolina, e isso faz pântanos de ferrugem na pasta cinzenta sórdida fétida da palha, e quando sopra o vento, essas disparidades fazem bizarro barulho, no princípio como um crepitar de fritura, depois como um tição que se mergulha na água com a fumaça das fagulhas que esvoaça... E a cama de tábuas de onde se ergueu minha raça, toda a minha raça dessa cama de tábuas, com suas patas de lata de Querosene, como se sofresse de elefantíase a cama, e sua pele de cabrito, e suas folhas de bananeira secas, e seus farrapos, uma nostalgia de colchão a cama da minha avó (acima da cama, num pote cheio de azeite, uma candeia e a chama dança como um gordo inseto... sobre o pote em letras de ouro: GRAÇAS).<sup>22</sup>

Infelizmente,

essa atitude, esse comportamento, essa vida trôpega presa ao laço da vergonha e do desastre insurge-se, contesta-se, contesta, ladra e, enfim, perguntam-lhe:

- O que [pode ser feito]?
- É preciso começar!
- Começar o quê?
- A única coisa no mundo que vale a pena começar:

O Fim do mundo ora essa.<sup>23</sup>

O que Mannoni esqueceu foi que o malgaxe não existe mais; esqueceu que o malgaxe *existe com o europeu*. O branco, ao chegar a Madagascar, subverteu os horizontes e os mecanismos psicológicos. Como todo mundo já disse, a alteridade para o negro não é o negro, mas o branco. Uma ilha como Madagascar, invadida

de um dia para o outro pelos “pioneiros da civilização”, ainda que estes se tivessem comportado da melhor forma possível, passou por uma desestruturação. Aliás, foi Mannoni que afirmou: “No início da colonização, cada tribo queria ter o seu branco”.<sup>24</sup> Que isso se explique por mecanismos mágico-totêmicos, por uma necessidade de contato com o Deus terrível ou pela ilustração de um sistema de dependência, permanece o fato de que algo novo se havia produzido nessa ilha e que deveríamos levar em conta – sob pena de tornar a análise falsa, absurda, caduca. Tendo-se interposto um novo elemento, era necessário buscar o entendimento das novas relações.

O branco, ao desembarcar em Madagascar, provocou uma ferida absoluta. As consequências dessa irrupção europeia em Madagascar não são apenas psicológicas, pois, como todo mundo já disse, há relações internas entre a consciência e o contexto social.

As consequências econômicas? Mas era o processo da colonização que precisava ser feito!

Sigamos com nosso estudo.

Em termos abstratos, o malgaxe pode aceitar não ser um homem branco. O cruel foi ter descoberto, antes, que era um homem (por identificação) e, *depois*, que essa unidade se cinde em brancos e negros. Se o malgaxe “abandonado” ou “traído” mantém sua identificação, ela então se torna reivindicatória; e ele exigirá *igualdades* das quais não sentia absolutamente nenhuma necessidade. Essas igualdades teriam sido vantajosas para ele antes que ele as pleiteasse, mas, depois, são um remédio insuficiente para seus males: pois todo progresso em relação às igualdades possíveis tornará ainda mais insuportáveis as diferenças que, de súbito, surgem como dolorosamente indelévels. É dessa forma que ele [o malgaxe] passa da dependência à inferioridade psicológica.<sup>25</sup>

Aqui de novo nos deparamos com o mesmo mal-entendido. É de fato evidente que o malgaxe pode perfeitamente aceitar não ser um branco. Um malgaxe é um malgaxe; ou melhor, não; um malgaxe não é um malgaxe: é absolutamente inexistente a sua “malgaxeria”. Se ele é malgaxe, é porque o branco chegou, e se, em determinado momento da sua história, ele foi levado a se perguntar se era ou não um homem, é porque lhe questionavam essa realidade de homem. Em outras palavras, começo a sofrer por não ser um branco na medida em que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, extorpe de mim todo o valor, toda a originalidade, diz

que eu parasito o mundo, que preciso o quanto antes acertar o passo com o mundo branco, “que somos bestas brutas; [...] que somos um esterco ambulante hediondamente promissor de canas tenras e algodão sedoso e [...] que não temos nada a fazer no mundo”.<sup>26</sup> Então tentarei basicamente me tornar branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer a minha humanidade. Mas, Mannoni haverá de nos dizer, vocês não podem, pois existe no fundo de vocês um complexo de dependência.

“Nem todos os povos estão aptos a ser colonizados, apenas aqueles que têm essa necessidade.” E, mais adiante: “Em quase todos os lugares onde os europeus fundaram colônias do tipo que atualmente está ‘em questão’, pode-se dizer que eram esperados, até desejados, no inconsciente de seus súditos. Por toda parte, lendas os prefiguravam sob a forma de estrangeiros vindos do mar e destinados a trazer benefícios”.<sup>27</sup>

Como se vê, o branco obedece a um complexo de autoridade, a um complexo de chefe, enquanto o malgaxe obedece a um complexo de dependência. Todo mundo fica satisfeito.

Quando se trata de compreender por que o europeu, o estrangeiro, foi chamado de *vazaha*, isto é, “honorável estrangeiro” [em malgaxe]; quando se trata de compreender por que os europeus naufragos foram acolhidos de braços abertos, por que o europeu, o estrangeiro, nunca foi concebido como inimigo; em vez de fazê-lo com base na humanidade, na benevolência, na civilidade, traços fundamentais do que Césaire chama de as “velhas civilizações cortesias”,<sup>28</sup> dizem-nos que é simplesmente porque havia, inscrito nos “fatídicos hieróglifos”<sup>29</sup> – o inconsciente, especificamente –, algo que fazia do branco o senhor esperado. O inconsciente, sim, chegamos a ele. Mas não é preciso extrapolar. Quando um negro me conta o seguinte sonho: “Caminho por muito tempo, estou muito cansado, tenho a impressão de que algo me espera, atravesso barreiras e paredes, chego a um cômodo vazio e, detrás de uma porta, escuto um barulho, hesito antes de entrar, por fim me decido, entro, há brancos nesse segundo cômodo, percebo que eu também sou branco”, e, quando busco compreender esse sonho, analisá-lo,

sabendo que esse amigo tem dificuldades para progredir, concluo que esse sonho realiza um desejo inconsciente. No entanto, fora do meu laboratório de psicanalista, quando a questão for integrar minhas conclusões ao contexto do mundo, direi:

1º Meu paciente sofre de um complexo de inferioridade. Sua estrutura psíquica corre o risco de se dissolver. É preciso preservá-la e, pouco a pouco, libertá-la desse desejo inconsciente.

2º Se ele se encontra a tal ponto imerso no desejo de ser branco, é porque vive em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, uma sociedade que extrai sua consistência da preservação desse complexo, uma sociedade que afirma a superioridade de uma raça; é na exata medida em que essa sociedade lhe cria dificuldades que ele se vê colocado numa situação neurótica.

Surge, então, a necessidade de uma ação combinada junto ao indivíduo e ao grupo. Como psicanalista, devo ajudar meu cliente a *conscientizar* seu inconsciente, a não mais buscar uma lactificação alucinatória, mas a agir no sentido de uma mudança das estruturas sociais.

Em outras palavras, o negro não deve mais se ver colocado diante deste dilema: branquear-se ou desaparecer, mas deve poder tomar consciência de uma possibilidade de existir; dito de outra maneira, se a sociedade lhe cria dificuldades em razão da sua cor, se constato em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter distância”; ao contrário, meu objetivo será, uma vez elucidados os motivos, colocá-lo em condições de *escolher* a ação (ou a passividade) diante da verdadeira fonte conflitual – isto é, diante das estruturas sociais.

Mannoni, preocupado em considerar o problema por todos os ângulos, não deixou de perscrutar o inconsciente do malgaxe.

Para isso, analisou sete sonhos: sete relatos que nos dão acesso ao inconsciente e entre os quais se encontram seis que manifestam uma dominante de terror. São crianças e um adulto que nos contam seus sonhos, e nós os vemos trêmulos, esquivos, infelizes.

SONHO DO COZINHEIRO: “Estou sendo perseguido por um furioso touro *negro*.<sup>30</sup> Aterrorizado, subo numa árvore, onde fico até o perigo passar. Desço tremendo por inteiro...”.

SONHO DE RAHEVI, MENINO DE TREZE ANOS: “Caminhando pela floresta, encontro dois homens *negros*.<sup>31</sup> Ah, digo, estou perdido! Vou (quero) fugir, mas é impossível. Eles me cercam e tartamudeiam do seu jeito. Acho que dizem: ‘Você vai ver o que é a morte’. Tremo de medo e lhes digo: ‘Deixem-me, senhores, estou com tanto medo!’. Um desses homens sabe francês, mas a despeito de tudo eles me dizem: ‘Venha até o nosso chefe’. No caminho, eles me fazem andar à sua frente e me mostram seus fuzis. Meu medo [se] redobra, mas, antes de chegar ao acampamento deles, devemos atravessar um curso d’água. Eu (me) afundo na água. Graças a meu sangue-frio, chego a uma gruta de pedra e nela me escondo. Quando os dois homens se vão, fujo e volto à casa dos meus pais...”.

SONHO DE JOSETTE: “O sujeito (uma jovem) se perdeu e se sentou num tronco de árvore caído. Uma mulher vestida de branco lhe informa que ela se encontra em meio a bandidos. O relato continua assim: ‘Sou estudante, respondi tremendo, e ao voltar da escola me perdi aqui’. Ela me diz: ‘Siga por esse caminho e chegará à sua casa’...”.

SONHO DE RAZAFI, MENINO ENTRE TREZE E CATORZE ANOS: “Ele está sendo perseguido por fuzileiros (senegaleses) que, ao correr, ‘fazem um barulho de cavalo galopando’; ‘exibem seus fuzis à frente do corpo’. O sujeito escapa tornando-se invisível. Sobe uma escada e encontra a porta de casa...”.

SONHO DE ELPHINE, MENINA ENTRE TREZE E CATORZE ANOS: “Sonho com um boi *negro*<sup>32</sup> que me persegue com raiva. É um boi vigoroso. Sua cabeça, quase malhada de branco (*sic*), carrega seus dois longos chifres bem pontudos. Ah, que desgraça!, penso. O caminho se estreita, o que posso fazer? Eu me apoio em uma mangueira. Ai de mim! Caio no meio dos arbustos. Então ele pressiona seus chifres contra mim. Meu intestino escapa e o boi o come...”.

SONHO DE RAZA: “Em seu sonho, o sujeito ouve dizer na escola que os senegaleses estão chegando. ‘Saí do pátio da escola para ver.’ É verdade, os senegaleses estão chegando. Ele foge, toma o caminho de casa. ‘Mas nossa casa também foi revirada por eles...’”.

SONHO DE SI, MENINO DE CATORZE ANOS: “Passeava no jardim, quando senti algo formar uma sombra por trás de mim. As folhas crepitavam à minha volta, despencando como (se) houvesse um bandido que quisesse me pegar. Por qualquer caminho que eu trilhasse, a sombra continuava me seguindo. Fui então tomado pelo medo e comecei a fugir, mas a sombra vinha a passos largos e estendia sua mão enorme para me agarrar [com] (por) minhas roupas. Senti minha camisa rasgar e gritei. Ao escutar esse grito, meu pai pulou da cama e olhou para mim, mas a grande *sombra* tinha desaparecido e eu já não sentia meu medo tão grande”.<sup>33</sup>

Há cerca de dez anos, ficamos surpresos ao constatar que os norteafricanos detestavam os homens de cor. Era-nos realmente impossível entrar em contato com os nativos. Deixamos a África com destino à França, sem entender a razão dessa animosidade. No

entanto, alguns fatos nos levaram a refletir. O francês não gosta do judeu, que não gosta do árabe, que não gosta do negro... Ao árabe, dizemos: “Se vocês são pobres, é porque foram enganados pelo judeu, que levou tudo o que tinham”; ao judeu, dizemos: “Vocês não estão em pé de igualdade com os árabes porque, na realidade, vocês são brancos e têm um Bergson e um Einstein”; ao negro, dizemos: “Vocês são os melhores soldados do Império Francês, os árabes se julgam superiores a vocês, mas estão enganados”. Aliás, isso não é verdade, não dizemos nada ao negro, não temos nada a lhe dizer, o fuzileiro senegalês é um fuzileiro, o bom-fuzileiro-do-seu-capitão, o destemido que só-enxerga-a-ordem-dada.

— Você não passar.

— Por quê?

— Eu não saber. Você não passar.<sup>34</sup>

Incapaz de lidar com todas as reivindicações, o branco se exime das suas responsabilidades. Chamo esse processo de divisão racial da culpa.

Dissemos que alguns fatos nos surpreenderam. Toda vez que havia um movimento insurrecional, a autoridade militar mobilizava apenas soldados de cor. São os “povos de cor” que reduzem a nada as tentativas de libertação de outros “povos de cor”, prova de que não se justificava universalizar o processo: se os árabes, esses indolentes, metiam na cabeça a ideia de se revoltar, não era em nome de princípios confessáveis, mas simplesmente no afã de desafogar seu inconsciente de “*bicots*”.<sup>35</sup>

De um ponto de vista africano, dizia um estudante de cor no xxv Congresso dos Estudantes Católicos, durante o debate sobre Madagascar, “sou contra o envio de fuzileiros senegaleses e o abuso que isso gera”. Sabemos, aliás, que um dos torturadores da delegacia de polícia de Antananarivo era senegalês. Assim, sabendo de tudo isso, sabendo o que o arquétipo senegalês pode significar para um malgaxe, as descobertas de Freud não têm nenhuma utilidade para nós. É preciso situar esse sonho *em seu tempo*, e esse tempo é o período em que 80 mil nativos foram mortos, isto é, um a cada cinquenta habitantes; e *em seu lugar*, e esse lugar é uma ilha de

4 milhões de habitantes, onde nenhuma relação genuína pode ser instaurada, onde as desavenças brotam por toda parte, onde a mentira e a demagogia são as senhoras incontestes da situação.<sup>36</sup> É preciso dizer que, em certos momentos, o *socius* é mais importante do que o homem. Penso em Pierre Naville, que escreveu:

Falar dos sonhos da sociedade como se fala dos sonhos do indivíduo, das vontades de poder coletivas como se fala do instinto sexual pessoal é inverter de novo a ordem natural das coisas, tendo em vista que, ao contrário, são as condições econômicas e sociais das lutas de classes que explicam e determinam as condições reais nas quais se expressa a sexualidade individual, e o conteúdo dos sonhos de um ser humano também depende, no fim das contas, das condições gerais da civilização em que ele vive.<sup>37</sup>

O touro negro furioso não é o falo. Os dois homens negros não são os dois pais – um que representaria o pai real e o outro, o ancestral. Eis o que uma análise forçada teria sido capaz de apresentar, com base nas próprias conclusões de Mannoni no parágrafo precedente, “O culto dos mortos e a família”.

O fuzil do soldado senegalês não é um pênis, mas realmente um fuzil Lebel 1916. O boi negro e o bandido não são os *lolos*, “almas substanciais”, mas realmente a irrupção, durante o sono, de fantasmas reais. O que representa essa estereotipia, esse tema central dos sonhos, senão um retorno ao bom caminho? Sejam fuzileiros *negros*, sejam touros *negros* com a cabeça malhada de branco, seja literalmente uma branca, muito gentil, aliás. O que encontramos em todos esses sonhos senão esta ideia central: “Distanciar-se da rotina é passear na floresta; ali se encontra o touro que faz você voltar desembestado para casa”?<sup>38</sup>

Malgaxes, fiquem quietos, continuem em seu lugar.

Depois de descrever a psicologia malgaxe, Mannoni se propõe explicar a razão de ser do colonialismo. Ao fazê-lo, acrescenta um novo complexo à lista preexistente: o “complexo de Próspero” – definido como o conjunto de disposições neuróticas inconscientes que delineiam simultaneamente “a figura do paternalismo colonial” e “o retrato do racista cuja filha foi objeto de uma tentativa de estupro (imaginário) por parte de um ser inferior”.<sup>39</sup>



Próspero, como se sabe, é o personagem principal da peça *A tempestade*, de Shakespeare. Diante dele estão Miranda, sua filha, e Caliban. Em relação a este, Próspero adota uma atitude que os americanos do sul dos Estados Unidos conhecem bem. Eles não dizem que os negros apenas esperam uma oportunidade para se jogar em cima das mulheres brancas? Em todo caso, o interessante nessa parte da obra é a intensidade com que Mannoni nos faz apreender os conflitos mal resolvidos que parecem estar na base da vocação colonial. Ele nos diz, na verdade, que

o que falta ao colono, assim como a Próspero, aquilo de que se encontra privado, é o mundo dos Outros, onde os outros se fazem respeitar. Esse mundo, o tipo colonial o abandonou, afugentado pela dificuldade de aceitar os homens como são. Essa fuga está relacionada a uma necessidade de dominação de origem infantil, que a adaptação ao social não conseguiu disciplinar. Pouco importa que o colono tenha cedido ao “propósito único de viajar”, ao desejo de fugir do “horror da sua terra natal” ou das “antigas trincheiras”, ou que deseje, mais grosseiramente, uma “vida mais ampla” [...]. Trata-se sempre de um compromisso com a tentação de um mundo sem homens.<sup>40</sup>

Se lembrarmos que muitos europeus vão para as colônias porque nelas têm a possibilidade de enriquecer em pouco tempo e que, salvo raras exceções, o colonialista é um comerciante, ou melhor, um traficante, teremos compreendido a psicologia do homem que provoca no autóctone “o sentimento de inferioridade”. Quanto ao “complexo de dependência” malgaxe, ao menos sob a única forma em que nos é acessível e analisável, ele também provém da chegada dos colonizadores brancos à ilha. A respeito da sua outra forma, do complexo original, em estado puro, que teria caracterizado a mentalidade malgaxe durante todo o período anterior, Mannoni não parece ter nenhuma base para tirar conclusões, por mínimas que sejam, no tocante à situação, aos problemas ou às possibilidades dos autóctones no período atual.